

PERSPECTIVA DO ENVELHECER DE MULHERES QUE NÃO EXPERIENCIARAM A MATERNIDADE

Autora: Vívian Balem Conrado
Coautora: Ana Maria Bellani Migott
Coautora: Marilene Rodrigues Portella

Universidade de Passo Fundo (e-mail: vivianbalem@bol.com.br)

Universidade de Passo Fundo (e-mail: migott@upf.br)

Universidade de Passo Fundo (e-mail: portella@upf.br)

Introdução

A idade revela uma realidade biológica e uma convenção sociocultural, em que a cada etapa do desenvolvimento correspondem papéis sociais específicos, valores e expectativas, os quais exercem grande influência sobre a percepção que a pessoa tem sobre si. A velhice pode ser considerada como aproximação da finitude, mas também como um momento do ciclo da vida que requer um olhar e cuidados específicos, que pode e deve ser desfrutado com qualidade ⁽¹⁾.

No que confere ao envelhecimento das mulheres, há de se considerar os papéis que a sociedade lhe atribuiu ao longo da história e as repercussões destes sobre o envelhecer ⁽²⁾.

A identidade feminina foi historicamente construída a partir da diferença entre os sexos, que fixou uma verdade biológica, utilizando-se do argumento do corpo para definir o que é ser mulher a partir do outro – homem. Assim, a mulher foi definida mediante representações da maternidade ^(3,4,5).

Independente de qual papel e o lugar que se coloca a mulher, ao longo do tempo, ela envelhece. Ademais, as mudanças sociais influenciam no modo como ela vivencia este processo, pois envelhecer é determinado não só pela cronologia e por fatores físicos, mas também pelo contexto social no qual interage, além da singularidade individual.

Novas oportunidades têm sido apresentadas às mulheres que estão envelhecendo, no intuito de ampliar seu espaço social, afetivo e emocional, seus papéis com novas formas de vivenciar conhecimentos e aprendizagem. Assim, surgem no cenário social mulheres idosas que, por algum motivo, não experienciaram a maternidade. O objetivo do estudo foi conhecer as concepções do envelhecer na perspectiva de mulheres idosas que não tiveram filhos e as perspectivas de cuidado na velhice.

Metodologia

Estudo descritivo com abordagem qualitativa, modalidade permite desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação ⁽⁶⁾. A escolha das participantes deu-se de forma intencional, pois têm importância em relação ao tema eleito para o estudo, sendo consideradas, dessa forma, portadoras de representatividade social em uma circunstância específica ⁽⁷⁾.

Participaram 13 mulheres idosas, com idade entre 60 e 82 anos, que não experienciaram a maternidade e fazem parte do grupo de convivência do Departamento de Atenção ao Idoso da Coordenadoria Municipal, moradoras da área urbana da cidade de Passo Fundo, RS. O procedimento de coleta de dados ocorreu no período de junho a setembro de 2016, realizado por meio de uma entrevista utilizando um questionário semiestruturado contendo questões gerais sobre dados sociodemográficos e de saúde, além de quatro perguntas abertas sobre a vivência da não maternidade e o envelhecer. As entrevistas foram individuais com duração, em média, de sessenta minutos, gravadas, com transcrição posterior. Utilizou-se a análise de conteúdo, originando duas categorias: concepções acerca do envelhecer, e a perspectiva do cuidado na velhice. Atendendo à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, RS, Parecer n. 1.064.128.

Resultados e Discussão

Categoria 1: Concepções acerca do envelhecer

As concepções acerca do envelhecer, para as participantes do estudo, refletem a interpretação das transformações corporais que acompanham o avançar da idade tanto quanto conjecturam vivências e experiências de vida. Tais percepções, com efeito, são múltiplas e, portanto, potencialmente ambivalentes.

O entendimento, por parte das entrevistadas, é de que o envelhecimento e a velhice constituem uma mesma interpretação. Por se tratar de um processo sequencial, contínuo e dinâmico, tal compreensão pode estar ancorada em pressupostos, segundo os quais, a velhice não é uma cisão em relação à vida precedente, mas é, na verdade, uma continuação da adolescência, da juventude, da vida adulta, do avanço da idade ⁽⁸⁾.

Nas ideações de um percurso bem-sucedido, ponderam-se os aspectos positivos do envelhecimento, em que se aborda a passagem da idade, as condições de saúde, a provisão de cuidado, a aceitação do processo. Em sentido contrário, contudo, no registro de alguns relatos das mulheres, percebe-se uma concepção de que se trata de um curso desfavorável, em que se salientam pontos negativos (dependência, tristeza, solidão, entre outros), o desvelamento de uma perspectiva mais sombria do envelhecer.

- Ideações de um processo bem-sucedido

As concepções de envelhecimento, enquanto um processo satisfatório ou bem-sucedido, iniciam-se pelo entendimento de que se trata do percurso da vida, do evento que segue a natureza, na qual se constitui o ser humano.

Cabe às pessoas aceitarem o seu envelhecimento como uma etapa do curso de vida normal, buscando um equilíbrio entre as limitações e as potencialidades; desse modo, o percurso tem melhores chances de ser bem-sucedido ⁽⁹⁾. No momento em que as entrevistadas mencionam a aceitação do envelhecer, elas conferem a concepção de um processo satisfatório e bem-sucedido.

Constata-se uma concepção positiva acerca do envelhecimento, enaltecendo aceitação do curso natural da vida, a saúde e o cuidado provendo ganhos em diferentes aspectos; entre os quais, o prazer de viver, a satisfação em aprender coisas novas. Todavia, o envelhecer é um processo que ocorre de diferentes formas entre as pessoas, o que faz deste uma experiência heterogênea dotada de múltiplas percepções incluindo o anúncio de um curso desfavorável traduzindo aspectos negativos.

- Perspectiva sombria do envelhecer

A dependência decorre da perda da capacidade funcional, algo mais suscetível à medida que a idade progride. Segundo o estudo desenvolvido por Lopes ⁽¹⁰⁾, quando isso ocorre entre os idosos, a velhice é percebida como uma etapa, um tempo de decrepitude. No momento em que as entrevistadas se referem à dependência, há necessidade de contar com a ajuda de outrem, o que reforça a concepção de um processo insatisfatório, uma visão negativa do seu envelhecimento.

À medida que a pessoa envelhece, sua qualidade de vida se vê determinada, em grande parte, por sua capacidade para manter a autonomia e a independência ⁽¹¹⁾. Quando essa capacidade da autonomia fica fragilizada, ocorre que a vida se desqualifica, aparecendo, assim, os lamentos, os pesares e o olhar com tristeza. As idosas deste estudo temem a velhice pela possibilidade de tornarem-se dependentes pela dor e pela doença, ou por não poderem exercer suas atividades cotidianas e depender do cuidado do outro.

Categoria 2: Perspectiva do cuidado na velhice

A conjuntura da dependência na velhice reporta ao papel da família na provisão de cuidado, traz consigo a expectativa de os filhos cuidarem dos pais. A mais clássica e recorrente das perguntas feitas para mulheres que não experienciaram a maternidade é quem vai lhe cuidar na velhice. Poderá ser as amigas, e não os filhos, que tomarão conta das mulheres no avançar da idade, corroborado pelo estudo de Goldenberg ⁽¹¹⁾. Segundo a autora, existe a ilusão de que filhos são a garantia de uma velhice menos solitária e mais feliz. O problema é que, na maior parte dos casos, essa expectativa não se confirma, gerando enorme frustração nas idosas. Goldenberg deixa o alerta para os perigos de depositar nos filhos a esperança de uma velhice bem cuidada.

A oferta de cuidadores familiares já apresenta evidências de redução, consideradas as mudanças na família, a exemplo da redução do seu tamanho e ausência de filhos, como alerta o estudo de Camarano e Scharfstein ⁽¹²⁾. Quando as famílias se tornam menos disponíveis para cuidar dos seus membros dependentes, o Estado e o mercado privado devem se preparar para atendê-las ⁽¹³⁾. Algumas das entrevistadas apontaram à assistência social como alternativa de cuidado, chamam a atenção do Estado para a garantia dos direitos fundamentais presentes na legislação brasileira. As mulheres deste estudo, pela condição da não maternidade, frente à possibilidade da dependência, adoecimento e a necessidade de cuidado, questionam-se, expõem suas expectativas e dúvidas; por outro lado, manifestam o discernimento de que filho não é garantia de ser cuidado.

Sobre a condição da não maternidade das participantes quando questionadas sobre o fato de não ter filhos, os fatores que contribuíram para tal condição foram: escolha pela vida religiosa, ausência de um companheiro, condições de saúde e a decisão pessoal.

Conclusão

O envelhecer é um processo que ocorre de diferentes formas entre as pessoas, o que compreende uma experiência heterogênea dotada de múltiplas percepções. Constatou-se uma concepção positiva do envelhecimento, enaltecendo aceitação do curso natural da vida, a saúde e o cuidado provendo ganhos em diferentes aspectos, entre os quais, o prazer de viver, a satisfação em aprender coisas novas. Todavia, nos registros das entrevistas, algumas mulheres expuseram uma percepção de que se trata de um curso desfavorável e o desvelamento de uma perspectiva sombria do envelhecer, em que o declínio, a dependência, a decrepitude, o adoecimento e a solidão aparecem como presságio negativo da velhice.

O cuidado na velhice é uma preocupação que, de modo geral, perpassa entre as pessoas à medida que a idade avança. Para as mulheres deste estudo, o pensamento sobre a possibilidade de vir a ser cuidada por alguém ou necessitar de ajuda, frente à condição de ausência de filhos, ascende temores e incertezas. Diante disso, as instituições de longa permanência para idosos despontam como alternativa para o cuidado, porém, na ausência da família, acreditam que a assistência social fará o seu papel de cuidador, ou seja, a ação do Estado como garantia dos direitos para com as pessoas idosas que vivem sozinhas e necessitam de auxílio.

A percepção das idosas quanto ao seu próprio envelhecimento e o significado que atribuem à velhice integra suas experiências de vida e as vicissitudes que compõe a própria história.

Referências Bibliográficas:

1. Valcarenghi RV, Lourenço LFL, Siewert JS, Alvarez AM. Produção científica da Enfermagem sobre promoção de saúde, condição crônica e envelhecimento. Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2015 [cited 2017 Jun 29];68(4):705-12. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672015000400705&lng=en.
<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680419i>.
2. Beauvoir S. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.
3. Aldrighi JD, Wall ML, Souza SRRK, Cancela FZV. As experiências das mulheres na gestação em idade materna avançada: revisão integrativa. Rev. esc. enferm. [Internet]. 2016 [cited 2017 Jun 29];50(3):512-21. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342016000300512&lng=pt.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420160000400019>
4. Badinter E. O conflito entre a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record; 2010.
5. Bardin L. Análise do conteúdo. Tradução Luiz Antero Neto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edição 70; 2009.
6. Turato ER. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; 2010.
7. Spada AC, Castilhos S. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar, São Paulo, Estud. Psicol. 2014; 8(especial):31-8. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

73722003000300005&lng=en&nrm=iso>. access on 04 July 2017.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000300005>

8. Silva MF, Goulart NBA, Lanferdini FJ, Marcon M, Dias CP. Relação entre os níveis de atividade física e qualidade de vida de idosos sedentários e fisicamente ativos. *Rev. bras. geriatr. gerontol.* [Internet]. 2012 Dec [cited 2017 July 04]; 15(4): 634-642. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232012000400004&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232012000400004>.

9. Lopes A. A sociedade brasileira de Geriatria e Gerontologia e os desafios da Gerontologia no Brasil, Campinas, *Rev. Kairós* 2012: 10-64.

10. Souza CS, Rodriguez-Miranda, Francisco P. Envelhecimento e Educação para Resiliência no Idoso. *Educ. Real.* [Internet]. 2015 [cited 2017 Jul 29]; 40(1):33-51. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000100033&lng=pt&nrm=iso.

11. Goldenberg M. *A Bela Velhice*. São Paulo: Record; 2014.

12. Camarano A, Scharfstein KS. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil, Rio de Janeiro, *R. Bras. Est. Pop.* 2010; 27(1):233-35.

13. Brasil. *Estatuto do Idoso*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Ed. MS; 2003.

14. Brasil. *Constituição Federal de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal; 2016.